

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III - N.º 122 - Domingo, 9 de Outubro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarlo nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

ESTAMPAS

AS CASAS ECONÓMICAS

E O SR. MINISTRO DAS CORPORAÇÕES Por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Autorizações para todo o País

O SENHOR doutor Veiga de Macedo, ilustre ministro das Corporações, acaba de percorrer as zonas essenciais de reconstrução e de fomento predial do País; e verificado que, dentro do muito que se tem feito, é preciso criar novas condições para melhor e ainda mais rapidamente se fazer, autorizou maiores poderes à Federação das Caixas de Previdência. Este poderoso sector da vida corporativa já agradeceu as melhores possibilidades concedidas pelo ministro e, em palavras exactas de comedido elogio, agradeceu e vai pôr em acção alguns trabalhos cujo andamento só dependia desses novos e melhores instrumentos de crédito e célere financiamento. Teremos, assim, dentro da relatividade do momento actual, novas e melhores casas económicas. Tudo se deve cingir, porém, estritamente, às normas enunciadas pelo ministro nas suas declarações proferidas para a Imprensa no dia 28 de Setembro, próximo passado.

Poderes à Federação

AS Caixas Económicas de Previdência e Crédito Predial, uma das mais formosas realizações do crédito corporativo, precisam de estimular e acelerar as casas de tipo médio e mínimo, as que, autenticamente, possam acudir a essas duas vastas zonas de população: os que sofrem devido a um

excessivo crescimento de outras possibilidades sociais e os que carecem delas, no todo ou em parte. Dentre as verdades que orientam e estimulam as realizações do Estado Corporativo, devemos entresacar esse «lumpen-proletariat», porque, embora não

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



OLHÃO — Largo da Restauração!

NOVA CARTA DE OLHÃO

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

POUCO depois de voltar de Si-
nes, precisamente em 5 do
corrente Setembro, tinha eu
o gosto de receber da Biblio-
teca Marciana de Veneza o mag-
nífico catálogo descritivo da mos-
tra ali efectuada o ano passado
por motivo do VII centenário do
nascimento de Marco Polo, catá-
logo elaborado pela ilustre di-
rectora, prof. dr.ª Tullia Gaspar-
rini Leporace, a quem, cerca de
dois meses antes, expressara o
desejo de o obter para os meus
estudos.

Trata-se do catálogo da expo-
sição relativa a «A Ásia na car-
tografia dos Ocidentais», destina-
da a mostrar a influência que
na concepção geográfica do Ex-
tremo Oriente tiveram os dados
fornecidos pelo relato de Marco
Polo; pois da dita exposição ou-
tro catálogo a mesma erudita bi-
bliotecária elaborou, pelo que
agora vejo, relativo aos mais an-
tigos e mais belos códices do fa-
moso Milhão, que assim se cha-
ma ao livro em que Marco Polo
narrou a sua aventurosa viagem
ao império de Kubilai, porque fa-
lando ele sem cessar nos milhões
do grão-cá, lhe haviam posto a
alcunha de O sr. Milhão, e daí o
nome de Milhão ao livro que os
primeiros copistas justamente ha-
viam intitulado: O livro das ma-
ravilhas do Mundo.

Ora, referindo D. Tullia como
o mais antigo exemplar cartográ-
fico exposto o Mapa-mundi do
Beato de Liébana, que é de facto
o mais antigo mapa medieval, de-
lineado em 776, mas cujo original
se perdeu, tendo porém chegado
até nós várias cópias mais ou
menos completas em códices
dos séculos X e XI, lembrei-me
de perguntar se entre nós se
encontraria algumas destas có-
pias. O nome do Beato de Lié-
(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

DE VEZ EM QUANDO...

MONTE GORDO

Por TRINDADE E LIMA

NADO e criado à beira do
Guadiana, tudo o que é con-
cernente àquela região me
prende. E porque Monte
Gordo é ainda como que parte
adjacente do Guadiana, eu le-
vanto sempre a lúva em sua de-
fesa. Não é só essa a razão; é
ainda mais porque o merecem
os seus excepcionais, privile-
giados atributos naturais.

Conheço Monte Gordo desde
que, menino da minha avó, ela
me levava ali a banhar-me nas
suas águas, até agora em que,
avó da minha menina, ali a levei
a tomar banho. Sou do tempo

da tia Paula, da tia Rata, do
tendeiro Romualdo, da casa do
salva-vidas, e de tantas coisas
mais, que o tempo — o grande de-
molidor — tem soterrado e que o
enevoado da memória já tem es-
batido.

Não há muitos dias, encontrei
uma senhora, minha colega, e,
como é natural, a condensa de-
rivou para o modo como tínha-
mos passado as férias.

Ela tinha estado em S. Pedro
de Muel, de que me traçou os
gabos. Eu disse-lhe que passa-
ra um mês em Monte Gordo, e
por minha dama tercei armas.
A certa altura, a senhora inter-
rogou: «E pensões? São cómo-
das e convidativas no preço? Em
S. Pedro de Muel, instalei-me
muito bem e relativamente em
conta.»

Senti gelar-se-me o coração.
A minha cota tinha uma malha
em falso, e por ela entrara a
lança da minha contendor.

O que havia de responder? A
verdade; a triste e vergonhosa
verdade: Monte Gordo não tem
casa decente que receba, por uns
dias ou por uma temporada, a
quem não pode estar por mais
tempo ou não queira incomo-
dar-se e andar cansetoso com
encargos de alimentação.

Parece-me, e será atrevitimen-
to meter colher em tacho alheio,
que é já tempo de alguém, não
importa quem, olhar para este
caso.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

INTERESSES AGRÍCOLAS DO ALGARVE

VAI AUMENTAR O PREÇO DA ALFARROBA?

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

SEGUNDO o Inquérito às
explorações agrícolas,
do Instituto Nacional
de Estatística, de 1952,
o Algarve possuía 17.953
alfarrobais, discriminados
por concelhos, como segue:

FROTA PESQUEIRA

Em virtude da escassez de pes-
ca na nossa costa, grande parte
da frota pesqueira deste centro
encontra-se em Matosinhos.

Albufeira	1.178
Alcoutim	252
Aljezur	1
Alportel	1.377
Castro Marim	668
Faro	1.614
Lagoa	1.039
Lagos	247
Loulé	3.567
Monchique	4
Olhão	2.082
Portimão	425
Silves	3.316
Tavira	1.981
Vila do Bispo	32
Vila Real S. António	170
	17.953

A produção média anual
é por alguns avaliada em
40.000 toneladas; outros, po-
rém, reduzem esta quanti-
dade para metade; e, na
verdade, as estatísticas do
Grémio dos Exportadores
de Frutos e Produtos Hor-
tícolas do Algarve parecem
registrar nos últimos anos
uma produção média anual
a caminho das 30.000 tone-
ladas, número este que con-
viria apurar, em face do
consumo na província, nos
próprios locais da produ-
(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

O PÚBLICO E A ESTAÇÃO DOS C. T. T. DESTA VILA

A propósito de uma local pu-
blicada no «Notícias do Algarve»
de 5 de Julho, último, em que se
apontavam os inconvenientes de
submeter o público a longos pe-
ríodos de espera, na Estação lo-
cal dos C. T. T., para ser atendi-
do, informo-nos a Administração
Geral daqueles serviços públicos
que «foram tomadas providências
tendentes a atenuar os inconveni-
entes apontados.»
Fazemos votos para que o pú-
blico beneficie o mais cedo pos-
sível das providências adoptadas.

CRÓNICA

LEVANTE

Por A. VICENTE CAMPINAS

UM mal-estar de distante e igno-
ta origem avassala as pessoas
mais sensíveis e nervosas.
Há a impressão de que qual-
quer coisa vai suceder...

A tensão aumenta, à medida que
o tempo passa e o desassossego,
premente, permanece como que
uma ameaça em suspensão... As
pessoas olham-se, interrogativas...



A "FEIRA DA PRAIA" realiza-se nesta vila nos dias 11, 12 e 13 do corrente

COMEÇARAM, na Avenida da
República, os preparativos
para a tradicional Feira da
Praia, que se realiza, nesta
vila, nos dias 11, 12 e 13 do cor-
rente, no recinto todos os anos
reservado para este fim.

Além de ser uma das mais im-
portantes feiras do Algarve, pelo
volume das transações que nela
se fazem, pelo número e diversi-
dade de atracções e divertimen-
tos que aqui ocorrem e se esten-
dem pela vasta zona da Avenida,
de que a gravura acima (com um
aspecto da Feira de 1954) dá uma
idéia àqueles que a não conhecem,
é, também, das mais concorridas,
principalmente pelos nossos vizin-
hos da outra banda do Guadiana,
que lhe emprestam o colorido e
a vivacidade dos festejos andaluzes.

Sobre muitas outras, oferece a
enorme vantagem de realizar-se
em terreno com excelente pavimen-
tação, sem as irritantes e «car-
acterísticas» poeiras, que dão
tanto sabor às Feiras do nosso
País do Sol... Em contraparti-
da, não lhe faltará o banzé costumado,
a chifreiros dos alto-falantes dos circos,
carrousséis e pistas de automóveis eléctricos —
nem, tão pouco, os inevitáveis ven-
dedores de pomadas e elixires mi-
raculosos, ou os aldrabões pro-
fissionais explorando a crença
alheia com a leitura dos signos...

"VOZ DO SUL"

Completo 41 anos de existên-
cia, no passado dia 5, o nosso
prezado colega «Voz do Sul», de
Silves, motivo por que endereça-
mos ao seu ilustre director e pro-
prietário, sr. Henrique Martins, e
a todo o corpo redactorial daque-
le semanário, cordiais cumprimen-
tos de felicitações.

Há quem tenha feito economias
todo o ano — para gastar na Fei-
ra; há os que esperam por ela,
para renovarem as provisões do-
mésticas; há os que lamentam que
ela dure tão pouco tempo — e
aqueles, também, como os mora-
dores da Avenida, que não de-
-la partir, com alívio...

E já que falamos da Feira, jul-
gamos oportuno chamar a aten-
ção das autoridades policiais para
certas barracas de tiro, setas,
bolas e «comes-e-bebes», uma es-
pécie de «refugo» das Feiras, que
são uma nódoa estética e um es-
pectáculo imoral. Para esse gé-
nero de barracas, se não for pos-
sível evitar-lhes a presença, pe-
dimos uma vigilância que torne
impossíveis os espectáculos ver-
gonhosos e degradantes como os
que, ainda não há muito tempo,
nos foi dado contemplar.

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Subterrâneo

Quatro de Outubro de 1955. O
drama faz-se trivial. Os mon-
stros antediluvianos passando
despercebidamente... Como é
possível? — penso. Que a manhã
seja luminosa e pura. Que passe
lá fora um grande cesto a trans-
bordar de dalias. Que a minha
telefonista esteja aqui a resar-me
«Rosas e lágrimas» de Schubert.
Torno a erguer o jornal do chão
e leio novamente: «Senhora em
situação aflitiva precisa em-
préstimo mil escudos pagamento
a combinar...» «Estudante
pobre matriculado no terceiro
ano do liceu pediu aos corações
bondosos auxílio para comprar
litos...» «Empregado de 12 ou
13 anos precisa escritório de
advogado...» «Pai desemprega-
do, mãe, filhos doentes, pediam
auxílio...»

A vida fez-se subterrâneo, po-
co sem fundo e sem esperança.
Barcos no pântano, acenando
angustiosos S. O. S., cruzam a
minha janela. Meu coração co-
lha a rede océdica repleta de
angústia e lodo, e estremece de
horror.

Estátua a um poeta

Fala-se em levantar, no Porto,
uma estátua a Guerra Junquei-
ro. Fiquei contente. Justiça
tardia; de qualquer forma, justi-
ça. Depois, não é maravilhoso
que se levante estátua a um poeta?
Um poeta é a vida. A vitória
da vida. Do que há de me-
lhor, de mais puro, de mais sa-
grado na vida. Sim, uma está-
tua para Guerra Junqueiro.
Uma estátua para a livre voz do
Oceano.

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

MANUEL DIAS SANGHO

Por ter atingido o limite de ida-
de, foi aposentado, deixando
assim de prestar serviço como tesou-
reiro da Fazenda Pública, nesta
vila, o nosso querido amigo sr.
Manuel Dias Sangho, que duran-
te muitos anos chefiou, com mul-
ta proficiência, aquela repartição
do Estado, angariando aqui in-
úmeros amigos, pelas suas primo-
rosas qualidades de carácter e
fino trato.

NOVO CHEFE DA SECRETARIA MUNICIPAL

Pelo sr. dr. Alonso Vasques,
presidente da Câmara desta vila,
foi empossado, na passada quin-
ta-feira, no cargo de Chefe da
Secretaria Municipal deste con-
celho, o sr. José da Silva Rodri-
gues Morais, que tinha anterior-
mente exercido cargo idêntico em
Santa Cruz (Madeira).
O acto da posse foi muito con-
corrido pela vereação, funciona-
lismo e público, e nele usou da
palavra o ilustre presidente do
Município, que apresentou o novo
funcionário, tendo o empossado,
agradecido as elogiosas referên-
cias feitas.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Regressou de Estoi, aonde foi passar as suas férias, acompanhada de sua sobrinha, a nossa prezada assinante sr.^a prof.^a D. Adelina Paula de Sousa.

Regressaram de Santa Margarida, onde tomaram parte nos Exercícios Militares que se realizaram naquela região, os nossos estimados amigos srs. João Manuel Pereira de Campos, José Higino Saraiva e Miguel Socorro Domingues.

Retirou para a cidade de Lagos, onde reside, o nosso amigo e prezado assinante sr. José Pedro do Nascimento Delgado.

Por ter sido colocado em Silves, flxou residência naquela cidade o nosso prezado assinante sr. Francisco Dias Afonso.

Foi transferido para Lagoa, onde passa a residir, o nosso estimado assinante sr. Hintze da Silva Duarte e Franco.

Regressou da sua viagem pelo Norte do País o sr. José Agostinho Queiroz.

Pedido de casamento

Pela sr.^a D. Maria Rosa Salvador, foi pedida em casamento para seu filho, sr. António Figueiras da Cruz, chefe de secção judicial nesta comarca, a sr.^a D. Libertina Branquinho Mendes, prezada filha da sr.^a D. Francisca Branquinho Mendes e do sr. Francisco Mendes Júnior, industrial nesta vila.

Falecimentos

Eugénio Diniz Guerreiro

Na passada sexta-feira, faleceu nesta vila, com 68 anos de idade, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eugénio Diniz Guerreiro, chefe da Secretaria Municipal, aposentado há muito, e que durante muitos anos exerceu funções na Câmara Municipal deste concelho.

O saudoso extinto era filho do distinto músico e compositor, maestro João Guerreiro da Costa e de D. Maria Bárbara Machado Guerreiro, ambos já falecidos, e irmão do nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Álvaro Magno Guerreiro, considerado farmacêutico nesta vila, sendo igualmente aparentado com as mais distintas famílias da nossa terra e de Silves.

Dada a grande estima de que o finado disfrutava nesta região, o seu funeral, realizado ontem para o cemitério local, teve grande acompanhamento de pessoas de todas as classes sociais.

A família enlutada, apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

D. Maria Tomásia da Conceição

Em Faro, onde residia, faleceu no dia 29 de Setembro a sr.^a D. Maria Tomásia da Conceição, de 92 anos.

A falecida era mãe das sr.^{as} D. Laura Conceição Martins, D. Berta Conceição Martins, D. Beatriz Conceição Trindade, D. Maria Conceição Martins, D. Amélia Conceição Martins e dos srs. Luís Inácio Martins, José Inácio Martins e Jaime Inácio Martins; e sogra dos srs. Joaquim da Costa, Benedito Guerreiro, João Carapeto Trindade e António Hermenegildo, que durante muitos anos foi funcionário dos C. T. T. nesta vila.

A família enlutada, apresentamos a expressão do nosso vivo pesar.

Manuel Rodrigues

ENFERMEIRO PROTÉSICO-DENTÁRIO

Rua Miguel Bombarda, 7

TELEFONE 220

Vila Real de Santo António

Comunica a todos os seus Ex.^{mos} Clientes e amigos que passa a exercer a sua profissão nesta vila, todos os dias úteis, das 10 às 15,30 horas.

CONFECÇÕES

Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Rita & Filhos, Lda

Para os devidos e legais efeitos, se publica que, por escritura de 7 de Outubro de 1955, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, foi alterado a artigo 2.º do respectivo pacto social; e aditado ao art. 5.º do mesmo pacto mais um parágrafo, que fica sendo o 4.º; ao art. 6.º mais um parágrafo, que fica sendo o 2.º, passando o § único do mesmo artigo a ser o 1.º; e ao aludido pacto social, mais os artigos 12.º, 13.º e seu § único, 14.º, 15.º, 16.º e 17.º, passando o actual art. 12.º para art. 18.º da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, com sede em Vila Real de Santo António «Rita & Filhos, Lda», constituída por escritura de 23 de Dezembro de 1953, lavrada nas notas deste Cartório Notarial.

Que os artigos e parágrafos, agora alterados e aditados, passam a ter a seguinte redacção:

Art. 2.º

O seu objecto consiste na exploração da indústria de conservas de peixe pelo sal (com secção de filetagem) e aproveitamento dos seus resíduos, e bem assim a exploração da indústria da pesca ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria de livre exercício, ou para que tenha autorização, em que os sócios acordem.

Art. 5.º

Parágrafo 4.º — A administração, gerência e direcção da sociedade só poderá ser exercida por portugueses, ou, como tal, naturalizados.

Art. 6.º

Parágrafo 2.º — E', porém, expressamente proibida a cessão ou alienação total ou parcial, por qualquer forma, de cotas a estrangeiros ou a sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, embora estas sociedades sejam nacionais quanto à sua constituição e sede.

Art. 12.º

As cotas sociais nunca poderão estar sob a dependência ou orientação de estrangeiros ou de sociedades dirigidas ou administradas por estrangeiros, ainda que estas, pela sua constituição e sede sejam nacionais, sob pena das mesmas cotas passarem para a posse do Estado.

Art. 13.º

Se, por sucessão legítima ou testamentária, alguma cota ou parte dela ficar pertencendo a estrangeiros, terão estes de a alienar a cidadão ou cidadãos portugueses, dentro de seis meses, contados da data em que tenham entrado na sua posse efectiva.

Parágrafo único — No caso previsto neste artigo, a sociedade, em primeiro lu-

gar e os sócios, depois, poderão usar do seu direito de preferência na aquisição das cotas ou parte delas, e efectuar o seu pagamento, nos termos do artigo 6.º e seus parágrafos.

Art. 14.º

A sociedade não poderá, em caso algum, transferir a sua sede para fóra do território português, e a exploração que é seu objecto nunca poderá ser orientada em prejuízo da economia geral ou local, ou detrimento da soberania portuguesa em qualquer parte do território do Continente, Ilhas Adjacentes ou Colónias.

Art. 15.º

A sociedade, por intermédio da sua gerência, fica com o direito de verificar as condições de nacionalidade de qualquer sócio, sempre que o julgue necessário ou conveniente, sendo os sócios obrigados a facultar essa verificação em qualquer caso.

Art. 16.º

A sociedade fica, em todos os casos, submetida à legislação em vigor e sujeita a dar cumprimento a todas as requisições e ordens por motivo de política interna ou externa, emanadas das autoridades competentes, e, em caso de guerra, as suas embarcações ficam às ordens do Governo Português.

Art. 17.º

A gerência responderá pelo exacto cumprimento do art.º 15.º e seus §§ do Decreto n.º 15.360, de 9 de Abril de 1928.

Vila Real de Santo António, 8 de Outubro de 1955.

O Ajudante do Cartório,

a) Manuel Clemente

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Recordação de férias

Estive, no mês de Agosto, em Oliveira de Azemeis, nas festas da Senhora de La Saleta. A paisagem na minha memória. A multidão comendo melancias ou deltada no parque ao desbarato, o andar da Senhora com os dois boizinhos, as barracas com os brinquedos pobrezinhos de folha e de barro. Os mendigos chagados... «Não tem casa? Então onde mora, tiozinho?» «Por aí, menina, por aí... Entre o céu e a terra...» E' verdade, tudo isso ainda poderosamente em mim. Com uma vitalidade de quem nasceu de pedra. Mas nunca vos aconteceu, numa floresta, ficar de memória presa mais a uma folha insignificante ou a uma bofetada quase impalpável? Assim eu com Oliveira de Azemeis. A este nome, salta-me logo aos olhos uma pequena tabuleta do jardim público: «Defende e respeita as árvores nossas amigas...» Uma árvore é o símbolo vivo, vertical, da paz. Seus frutos, sua sombra, seu aroma, seu lume, sua ddivida total. Sim. Aprendamos com o povo de Oliveira de Azemeis. Eduquemos as crianças no amor da árvore, que o mesmo é dizer no amor da paz.

Lição viva

Há pessoas que mal chegam a uma terra vão logo direitos ao museu, se o há, ou aos monumentos, ou aos lugares históricos. A minha amiga N., não. Não que não goste de ouvir a voz do passado, de sentir a presença dos passos que deixaram marcas no lajedo, um incitamento para os seus próprios passos. Mas quando chega a uma vila ou a uma cidade, a primeira coisa que faz é percorrer o mercado, as feiras, as ruas, ver as montras, falar com as pessoas, ouvir latejar as grandes veias vivas. Quer conhecer, viver inteiramente a hora que lhe coube viver. Terá tempo, ela também, terá tempo de ser ontem.

E tem razão. Sei com ela que se aprende mais, que a nossa cultura mais se amplia acompanhando cada região na sua labuta diária, do que passando



PROVINCIA

ODELEITE

No passado domingo, dia 2, deu-nos a honra de uma curta visita Sua Ex.^a Rev.^{ma} o sr. Bispo desta Diocese. Era aguardado pelos srs. presidente da Câmara deste concelho, autoridades locais, professores oficiais, figuras gradas da terra e muito povo. A seguir, deslocou-se Sua Ex.^a à igreja, onde participou a vinda de um novo rev. padre em substituição do actual.

A propósito, aprez-nos perguntar por que motivo será que a vinda de tão ilustre visitante não é antecipadamente anunciada ao povo, para pelo menos, nós, os odeleitenses, em geral, demonstrarmos pessoalmente que aqui também é Portugal?!

Em visita anterior, sucedeu caso idêntico, chegando mesmo Sua Ex.^a a mostrar estranheza.

Retirou no princípio do mês corrente, para Ferreiras (Albufeira), para onde foi exercer a sua profissão, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. António Estêvão, professor primário, que optou pela sua terra natal, a qualquer outra estância balnear para gozar as merecidas férias.

Bem haja, sr. professor!

Fizeram anos, em 5 do corrente, os srs. Mário Xavier de Brito, Pedro Alberto e Américo Albano, abastados proprietários.

Também, na mesma data, completou vinte e cinco anos de idade o sr. António Simão Estêvão, fabricante de cestos de cana e vime, que para comemorar tão feliz data, ofereceu a alguns amigos um opiparano lanche, que decorreu na mais fraternal camaradagem.

Saudado, agradeceu comovido.

VIDA RELIGIOSA

Jornada Eucarística em Castro Marim

Com a assistência do sr. Bispo Coadjuutor da Diocese, D. frei Francisco Rendeiro, celebra-se hoje, na paróquia de Castro Marim, uma Jornada Eucarística, a qual constará de Missa, Sessões de estudo, Procissão Eucarística, Bênção Solene do SS.^{mo} Sacramento e Sermão.

GRAVADEIRA SUDRY BC-1

(usada), com motor eléctrico 220/380 e 9 cames

VENDEM:

ILIDIO PANINHO, LDA. SETÚBAL



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.

Vila Nova de Gaia

horas e horas contemplando ruínas e pégadas, amuletos que o tempo, amorosamente, pendura do pescoço.

Ginema

Não é demais. Só o silêncio é demais. Não é demais apontar o perigo dos filmes «negros» em que o gangster, o crime e o vício são as principais vedetas. Deixar que os rapazes e as raparigas estejam à mercê de histórias e cenas desmoralizantes é assumir uma pesada responsabilidade. Contaram-me que em França, se me não engano, um rapazinho de doze anos estrangulou um companheiro. Quando lhe perguntaram porque, respondeu que era assim que tinha visto no cinema...

Não tenho razão? Não é uma pesada responsabilidade? Não é verdade que os filmes negros, terroristas e deseducadores devem ser postos fora da lei?

Maria Manuela Nunes

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Outubro:

TRAINEIRAS

Liberta	18.330\$00
Tufão	17.650\$00
Rajada	15.600\$00
Maria Rosa	14.920\$00
Restauração	14.420\$00
Flor do Sul	13.880\$00
Flor do Guadiana	12.840\$00
Estrela do Sul	10.470\$00
Infante	9.280\$00
Pérola do Guadiana	7.310\$00
Infante	5.720\$00
Gamo	4.230\$00
Janita	3.480\$00
Norte	3.360\$00
Total	151.490\$00

CERCOS

Amazona	3.680\$00
---------	-----------

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Outubro:

Entrados:

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, com adubo.

RABAT, Alemão, de 1.434 ton., de Cádiz, com carga em trânsito.

JOÃO JOSÉ 1.º, Português, de 242 ton., de Safi, com gesso.

Saídos:

COSTEIRO e ZÉ MANEL, Portugueses, ambos para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 8 a 14 de Outubro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos os nossos prezados assinantes de que estão à cobrança os recibos referentes à 13.ª série, n.º 121 a 130 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Esperamos que os nossos estimados assinantes, como de costume, promovam para que os recibos sejam liquidados no acto da sua apresentação, pelo que desde já nos confessamos muito reconhecidos.

Entretanto, agradecemos a todos os assinantes do estrangeiro o favor de nos remeterem a importância das suas assinaturas pela via mais rápida.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

OBJECTOS ACHADOS

No posto da Guarda Nacional Republicana desta vila, encontra-se depositada uma carteira, que contém duas chaves, a qual será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Novo assinante

Tivemos o prazer de inscrever como assinante do nosso jornal o sr. António Simão Estêvão, por indicação do sr. António Alexandrino Cavaco, ambos residentes em Odeleite. Os nossos agradecimentos.

JERÓNIMA VINAGRE

ADVOGADA NOTÁRIA

Telefone 4 ALCOUTIM

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VAI AUMENTAR O PREÇO DA ALFARROBA?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ção, que as estatísticas não registam ainda.

Um dos problemas de maior interesse para este fruto seco algarvio é o que resulta do seu aproveitamento tanto quanto possível integral, através da sua industrialização.

O nosso país deve consumir por ano cerca de 2.000 toneladas de extractos tanantes, de várias qualidades, como o de casca de carvalho, quebracho, acácia, etc., que são todos importados.

Não se sabem ainda quais as aplicações dos taninos contidos na vagem ou no caroço da alfarroba, procedendo-se nesta ocasião em Faro a análises laboratoriais e a ensaios industriais para este efeito.

A destaninagem da polpa da alfarroba tem, por outro lado, a grande vantagem de torná-la apta a ser ingerida por todos os animais, como o leiteiro e suíno que, antes desta operação, se viam proibidos de a comerem além de determinados limites, visto o tanino, como adstringente que é, lhes provocar cólicas por obstipação.

E apresentando a polpa da alfarroba um valor foraginoso idêntico ao da cevada, uma vez feita a operação da destaninagem, em escala industrial, nada impede que o triturado suba dos 1\$80/kg. que tem agora, para 1\$80/kg., que é por quanto se vende a cevada.

Sabe-se que a alfarroba contém, em média, 90% de polpa e 10% de caroço.

A polpa contém 10% de tanino e 90% de alimentos mais ou menos açucarados, que os animais muito apreciam nas farinhas compostas, depois de levemente torrados.

O caroço contém 40% de película, da qual se podem aproveitar 20 a 30% de extractos tanantes.

Se entrássemos em consideração com os valores médios dos diferentes componentes, depois de industrializada a alfarroba, chegaríamos a um preço por arroba de ± 40\$00, ao qual havia que retirar as despesas de industrialização.

Estuda-se agora também um processo para valorizar o germe contido no caroço, visto que se sabe que ele pode fornecer um óleo lubrificante para relógios, idêntico aos óleos gordos de pés de animais, com valor CIF, de 21\$00 o quilo-grama, e de que se importam, em média anual, cerca de 6 toneladas.

Por aqui se vê que as 20 ou 30 mil toneladas de alfarrobas algarvias (?) está reservado um largo futuro, que, decerto, o organismo coordenador respectivo, a Junta Nacional das Frutas, não deixará de acompanhar com todo o interesse.

Assim o esperam os pro-

prietários dos 17.963 alfarroba que as estatísticas diziam existir o Algarve em 1952.

Rendimento médio da alfarroba depois de industrializada:

1 kg. de alfarroba tem, em média:

900 grs. de polpa
100 grs. de caroços.

900 grs. de polpa contém:

90 grs. de taninos, a 8\$00/kg. . . . \$72

810 grs. de trituração de farinha alimentar, a 1\$80/kg. depois de destaninado. . . . 1\$46

100 grs. de caroços contém:

40 grs. de gomas, a 12\$00/kg. . . . \$48

20 grs. de germe, a 2\$00/kg. . . . \$04

40 grs. de películas, com ± 10 grs. de taninos, a 8\$00/kg. . . . \$08

Valor de 1 kg. de alfarroba depois de industrializada . . . 2\$78

Idem, de 15 kgs. . . . 41\$70

Despesas de industrialização. . . . \$

Lucro do industrial . . . \$

Preço corrente, de aquisição ao lavrador, por arroba . . . 21\$00

A. S. Pontes

Nova Carreira da E. V. A.

BEJA-FICALHO

A partir de 1 de Outubro, começou a efectuar-se diariamente, excepto aos domingos, a carreira Beja-Ficalho (Fronteira) pela Empresa de Viação Algarve, Lda.

BAGINES CIRCULARES

em cobre, fundo falso, (usadas)

VENDEM:

ILIDIO PANINHO, LDA.

SETÚBAL

PROPRIEDADE

VENDE-SE no sítio de Torre dos Frades.

Recebem-se propostas em carta fechada até ao dia 20 de Outubro.

Dirigir a Carlos Madeira Gomes, Travessa Ataíde de Oliveira, 6 - Faro, ou a Alexandrino Guerreiro Cavaco - Vila Nova de Cacela.

Reserva-se o direito de não entregar caso o preço não convenha.

Assinal e propagai "Notícias do Algarve"



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL EM SERPA

Serpa, 6 - Lusitano, 3

da II Divisão (Zona Sul)

Olhanense, 2 - Arroios, 2

No Estádio Padinha, jogou-se no passado domingo o encontro entre o grupo local e o Arroios, de Lisboa, cujo resultado final foi um empate a duas bolas. A partida não decorreu totalmente num ambiente de correcção, e o único culpado foi o Juiz de campo, que assinalou contra o clube local uma penalidade máxima bastante injusta. O resultado não demonstra o domínio que o Olhanense empregou.

Portimonense, 2 - Beja, 0

A valorosa equipa de Portimão, ao bater no passado domingo o seu adversário: o Desportivo de Beja, deu o último lugar da classificação ao simpático clube de Elvas. O jogo teve fases de bom futebol e o resultado ajusta-se ao desenrolar da partida.

Juventude, 0 - Farense, 2

Parabéns aos algarvios de Faro. O triunfo que conquistaram em Évora, frente ao clube local, é a todos os títulos brilhante. Na verdade, jogaram para ganhar, e conseguiram-no.

Heroulano Valente

Não foi feliz o Lusitano na sua primeira saída, perdendo por 6-3 frente à veterana equipa de Serpa. Jogo bem disputado, vencendo a equipa mais caalejada e que melhor se adaptou ao estado do terreno.

Esperamos que o onze algarvio, para o próximo jogo, faça mais e melhor, para bem do nosso futebol.

Em Vila Real de Santo António

Associação A. V. R., 0 - Celeiro, 0

Disputou-se, no passado dia 5 de Outubro (Feriado Nacional), um encontro de futebol entre as equipas da Associação A. V. R. e do G. D. «o Celeiro» que fizeram alinharem os seguintes jogadores:

Associação Académica; Romeu; Rosa, Ezequiel e Faisca; Feliciano e Rui; Salas, Salvador, Júlio, Renato e Salsinha.

Celeiro: Norberto I; Quim, Manuel e Helder; Manero e Mendes; Gica, Lima, Castano, Norberto II e Noia.

O resultado deste encontro, que foi de 0-0, não traduz com fidelidade o desenrolar da partida, pois a Associação Académica merecia vencer porque se mostrou superior em todos os capítulos de jogo, chegando a fazer excelente exibição na segunda parte, valendo ao Celeiro não ter saído derrotado o magnífico comportamento do seu guarda-redes, rapaz com muita intuição para o lugar e ao qual deve estar reservado um futuro promissor.

Na Associação Académica, todos se comportaram de maneira a merecer elogios, e no Celeiro, temos a distinguir além do guarda-redes de que já falámos, o interior Lima.

S. S.

HÓQUEI EM PATINS

EM BEJA

Conforme noticiámos, no passado Domingo, deslocou-se à linda cidade de Beja a turma do «Juventude H. Clube composta de: José Luís, Janot, Castanheira, Faisca, D. Rosa e Malito, para defrontar a forte equipa do «Ateneu Comercial de Beja, sendo o resultado final de 4-3 para os alentejanos.

No início do jogo, foi entregue um lindo ramo de flores ao capitão da turma algarvia José Luís, pelo capitão da equipa local.

O jogo foi disputado com a maior correcção tanto da parte dos jogadores como do público.

Salienta-se a magnífica forma de José Luís e de Faisca, autor dos 3 golos da equipa algarvia. Quanto aos outros elementos, todos cumpriram pelo melhor.

Barata

Qual é o óleo melhor e mais económico?

BP ENERGOL por ser 5 vezes refinado!

Reduz a corrosão e evita a colagem das válvulas e dos segmentos.
Facilita o arranque em frio.
Diminui a carbonização.

AS RAZÕES ESTÃO À VISTA

- 1 SELECÇÃO DE FRACÇÕES**
Apenas 5% da matéria prima é aproveitada para BP ENERGOL que é obtido em colunas de vácuo.
- 2 ELIMINAÇÃO DE ASFALTOS**
O produto impuro do primeiro tratamento é refinado pela propana que lhe retira todo o asfalto, permitindo uma untuosidade excepcional.
- 3 ESTABILIZAÇÃO**
Uma terceira operação com solventes selectivos, conduz à eliminação das substâncias que causariam deposição de vernizes e gomas nas válvulas, nos embolos e nos segmentos.
- 4 DESPARAFINAÇÃO**
Para assegurar um rápido caudal a baixas temperaturas, o BP ENERGOL é arrefecido e filtrado. Foi a vez de a inconveniente parafina lhe ser extraída.
- 5 TRATAMENTO POR TERRAS ACTIVAS**
Nesta fase final o óleo é aquecido a altas temperaturas, e os produtos com maior tendência à carbonização são absorvidos. Agora, é só corrigir as viscosidades, e juntar-lhe os aditivos.

5 vezes refinado, significa que o BP ENERGOL é o melhor lubrificante que a ciência pode produzir.

BP ENERGOL o óleo que é
5 VEZES REFINADO

COMPANHIA PORTUGUESA DOS PETRÓLEOS BP

PRÉDIO
VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.
Propostas ao dr. Luís Bernardino da Silva — OLHÃO.

MAQUINAS PARA ARAMAR CAIXAS
(NOVAS)
Vendem: ILIDIO PANINHO, LDA.
SETÚBAL

ÓCULOS
para sol e vista cansada e sob receita médica

Consulte a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
— Telefone 76 —
Vila Real de Santo Antonio

Terreno para construções

Vende-se uma porção de terreno, na Rua Jacinto José de Andrade, nesta vila, com 38 metros de frente por 14 metros de fundo, registada na Conservatória do Registo Predial.

Informam: João do Carmo Vieira ou José Luís Ribeiro (pedreiro).

Máquina de Ilmpar Tatas
(usada), utilizando casca de arroz, aparas ou serradura

VENDEM:
ILIDIO PANINHO, LDA.
SETÚBAL

LEVANTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

— Mas é assim tanto o levante? — Pois é; as águas tão revoltas e a correnteza é muito grande. — Agora, sempre são uns diazinhos em terra, não? — Quando este danado vem, como tá aí fora, nunca é menos de sete o oito dias... — Tanto tempo?! — É uma sorte se não forem quinze ou vinte. Como a temporada tem sido tam boa, ainda faltava isto pra escangalhar mais a coisa... — É verdade, mano Mané, é verdade. Parece até que isto nunca mais tem conserto... — Imagine só que esta quinzena nem ganhou pró tabaquinho, quanto mais prá barriga, e olhe que ela não quer saber de desgraças. — Há que ter paciência... — Olha o que me sabe dizer! Ainda se isso fosse qualquer coisa que se comesse, vá que não vá; mas, assim... — Se Dês quiser, o tempo há-de levantar depressa. — Tá bem, tá bem... Depois me contas... O que vale é que a barriga de pobre tudo encobre... O gigante do mar rugiu ao longe a sua raiva de milénios. A costa suporta, estoicamente, o embate da violência das ondas alterosas sobre a areia da praia. O possante som do imenso poderio marinho domina a vila ribeirinha e vai derramando pelo interior a imponente voz da sua presença mais ao sul... Os homens trocam impressões sobre a mudança de tempo. E' conversa obrigatória, entre eles, como vazão da preocupação e mal estar físico de que se sentem possuídos. — Agora que o biquêrante tava a dar sinal, é que este raio de tempo se lembra d'aparecer... — Pois é... Prós pobres, nunca por nunca corre a coisa bem. Os últimos barcos de pesca chegavam aos seus ancoradouros, onde lançavam amarras reforçadas. Rendas de espuma, elevando-se na distância, davam maior realce à linha do horizonte. O cantochão imponente do gigante revoltado servia de música de fundo ao desenrolar dos acontecimentos do rio e dos cais... — Ah, compadre, que parece que ando meio maluco, com este tempo dum raio. Tenho a cabeça que nem a sinto... — Também eu ando tonto, com dor de cabeça... Não sei se vá o médico, se não; se não me passar, vou lá o solpostinho... — Não faça isso! Não vale a pena ir o médico por tam pouco. Eu cá não sinto a cabeça, com a dor que tenho, e não vou lá. Eu bem sei que isto deve ser das minhas maleitas... — Que?! Das suas maleitas? — Sim, compadre; eu cá já sei isso, por experiência própria: a minha cabeça aberrunta sempre o levante, uns dias antes dele aparecer. — Ah, sim?... Talvez seja o mesmo comigo, que já há uns dias que não sentia a cabeça... Afí está a coisa!

E o levante instalou-se na costa algarvia, marcando o compasso da sua presença na imponente música de fundo vinda de mais ao sul desta vila ribeirinha... — Ah, sim?... Talvez seja o mesmo comigo, que já há uns dias que não sentia a cabeça... Afí está a coisa!

A. Vicente Campinas

MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

As senhoras adornam-se com a beleza das pérolas, mas antes tem o artifício de lhes limar as asperezas e prendê-las no engaste. Como aquela senhora quantas pessoas ficam desiludidas ao querer visitar a praia privilegiada e não encontram onde se instalar? Estive ontem na Costa da Caparica. É enorme o seu areal; mas lá estava a pecha que a falsaria: só numa nesga é permitido tomar banho sem risco de desastre, e o mar estava enfurecido. Entretanto, lá tem hotel, pensões, cafés, restaurantes—tudo o que pode proporcionar conforto ao visitante. E tu, Monte Gordo, até quando?

Trindade e Lima

Anuncie neste jornal, de grande expansão em todo o país.

NOVA CARTA DE OLHÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bana trouxera-me à memória o Apocalipse de Lorvão; e indagando, sem sair aqui da livroteca doméstica, venho a descobrir que o dito erradamente chamado apocalipse não passa de ser (conforme a explicita nota autógrafa de Alexandre Herculano aposta ao códice que trouxera de Lorvão para a Torre do Tombo), uma cópia da obra do Beato da região asturiana de La Liébana *Comentaria sive Catena Patrum in Apocalypsin*, ou seja o comentário que ele fizera compilando comentários dos Padres da Igreja ao Apocalipse de S. João.

Informando D. Tullia que o dito mapa-mundi se encontrava «no início do prólogo do livro II, para ilustrar a divisão do mundo nas doze partes a que se dirigiram os apóstolos para fazer conhecer e difundir a palavra de Cristo», e tendo-me acontecido ter de me ir a Lisboa, não quis perder o ensejo de ver o famoso *Apocalipse* laurbanense com os meus próprios olhos e de nele procurar, no sítio indicado, o mapa-mundi que esta cópia naturalmente deveria contar. Passando, pois, as folhas uma a uma, não conseguí infelizmente mais do que constatar, repetidamente, sem sombra de dúvida, que esta cópia lusitana da obra do Beato asturiano não contém o mapa em questão, apesar de estar recheado de preciosas iluminuras, que Herculano qualificou expeditamente de *barbas*, mas que, segundo o critério de hoje, oferecem o maior interesse artístico, além de iconográfico, estando a requerer estudo por parte de especialista na matéria.

Não escondo, todavia, a minha pena por esta decepção...

Vou contar o caso a D. Tullia e pedir-lhe mais o obséquio do outro catálogo: o da mostra relativa ao *Milione*.

E' que a minha particular atenção foi retida agora pela personalidade de Marco Polo e sua relação com o imperador mongol do tempo, o humano Kubilai, neto do feroz Gengiscão.

Eu conhecia já de há muito o *livro de Marco Polo* que aqui tenho na tradução portuguesa de Valentim Fernandes, editada por Esteves Pereira; e devo recordar que já dele extraira, mesmo, um argumento em favor do plano *henriquino das Índias*, conforme se pode ver pela *breve memória* que em 1937 tive a honra de apresentar ao I Congresso da Expansão Portuguesa no Mundo. Mas por uma tradução espanhola moderna do *Milione*, que em 1939 um erudito querido amigo espanhol me oferecera, reconheci agora que a cópia de que se servira Valentim Fernandes era muito mais reduzida do que a traduzida para espanhol. Pelo livro de vulgarização de António Aniante, que Casais Monteiro traduziu e a Editorial Inquérito publicou em 1938, *Vida e aventuras de Marco Polo*, vim a ficar certificado de que o relato do analfabeto Marco Polo ao seu companheiro de prisão, que o passara a escrito, fora em seguida diversamente adulterado com amputações e ampliações nas variadas cópias que em tradução foram surgindo nas mais diversas línguas, distinguindo-se nesse particular aquele famoso Ramusio, que já introduzira aldrabices da sua fantasia amplificadora nos escritos de Cadamosto...

Deixando, porém, a questão da genuinidade do texto, e tratando por agora apenas da biografia do personagem, outros subsídios colhi, frutiferamente, da *História dos Descobrimientos*, de Ruge, e — imagine-se donde? — do velho Júlio Verne, que à *Descoberta da Terra* dedicou uma série de volumes, traduzidos devidamente a português pelo erudito Pinheiro Chagas.

No 1.º volume da dita série, todo o longo capítulo IV — umas quarenta páginas — é dedicado a Marco Polo; e a sua substância ainda não é, por forma alguma, de desprezar...

Enfronhando-me, pois, na matéria onde o velho Cantu é preciso auxiliar e com subsídios mais modernos (inclusive o opulento volume sobre *Les explorateurs célèbres* (Ed. Mazenod-1947), dou-me conta de que o assunto devia, para sua essencial compreensão, ser tratado desde as primeiras relações entre a Europa Ocidental e os mongóis, ou pelo menos desde que a pavorosa onda mongólica de 1241 (já falecido Gengiscão em 1227), assolando a Hungria e a Silesia, suscitara a decisão do Papa Inocêncio IV, no concílio de Lyon, em 1245: tentar diplomaticamente entender-se com os mongóis, enviando lá duas embaixadas de frades; uma, de dominicanos, que abortou, mas ou-

tra, de franciscanos, que chegou ao seu termo, e na qual encontro, como figura de vulto, um *D. Lourenço de Portugal*, em companhia do italiano *João de Plano Carpino*, que foi o relator histórico da missão.

Desta embaixada de Plano Carpino, vale a pena ler o que escreveu Júlio Verne no volume já referido. Lá vem a resposta famosa com a qual Kujuk, o feroz neto de Gengiscão, que acabara de ser eleito grão-cá, terminara fulminantemente a carta que a Carpino entregara para o Papa: «*Nos adoramos Deus e com o seu auxílio destruiremos toda a Terra do Oriente ao Ocidente!*»

Das relações de vária espécie dos mongóis com os cristãos fizera um estudo especial, há mais dum século já, o erudito sinólogo Abel de Rémusat; e um curioso trecho do seu trabalho pode ler-se, citado por Guizot, na sua *História da Civilização na Europa*, que o marquês de Sousa Holstein traduzira para português (1907-Parceria Pereira — tomo 2.º, págs. 21/24), além do que em Cantu se encontra num capítulo de referido volume X sobre *relações dos mongóis com os cristãos*.

Trabalho fundamental neste assunto é sempre a *Introduction à l'Histoire de l'Asie — Turcs et mongols, des origines à 1405*, do erudito orientalista Léon Cahun, autor também de um romance histórico muito interessante, *Aventuras de um guerreiro mongol (A bandeira Azul)* que em 1945 deu, em excelente tradução portuguesa à editorial «Pro Domo», o nosso patricio farense e distinto arabista prof. dr. José Pedro Machado.

Se a ferocidade fóra a característica da política de Kujuk quanto à Europa, no tempo de Marco Polo o ambiente mudara. Ao breve império de Kujuk sucedera o de Mangu, seu primo, filho do filho mais novo de Gengiscão, eleito em 1252 pela influência moderadora do partido chinês, e por morte de Mangu a mesma crescente influência chinesa fizera eleger seu irmão Kubilai, em 1260.

Ora é Kubilai o grão-cá que recebe muito amavelmente o pai e o tio de Marco Polo quando lá vão a 1.ª vez em 1265/66, tranquilizando-os, logo que chegaram à sua presença, com estas palavras: «*Nada receeis. Eu próprio sou filho de mãe cristã!*». E não mentia, porque de facto era cristã sua mãe, a excelente Serkuteni Bigui a boa imperatriz viúva de Tului o filho mais novo de Gengiscão, que em Bukara fizera construir um colégio para os estudantes que ali afluiam em número considerável, e se distinguia por outras obras meritórias, deixando pena e saudades; e tanto que um historiador muçulmano não se esquivou a escrever: «*Morto Kujuk, toda a linhagem de Gengiscão, e cada um, quem quer que fosse, aceitou a sucessão na linhagem de Tului pelo amor que o povo tinha à sua viúva, Serkuteni Bigui*», (cit. por Cahun — *Introduction*, Pág. 330).

Kubilai fora mesmo então mais longe: não só ficara muito satisfeito de receber tais estrangeiros vindos dos países ocidentais, mas os interrogara cuidadosamente acerca do que se passava na Europa, perguntando pormenores a respeito da vida dos reis e imperadores, e em especial do Papa e dos negócios da igreja latina (cf. J. Verne, ib págs. 55/56).

«*Matteo e Nicoló Polo, que falavam correntemente a língua tártara, responderam francamente a todas as perguntas do imperador. Este teve então a ideia de enviar mensagem ao Papa e pediu aos dois irmãos que fossem seus embaixadores junto de Sua Santidade...* Mandou fazer cartas em língua turca, pedindo ao Papa que lhe mandasse cinco homens sábios para converter os idolatras ao cristianismo, depois agregou aos dois venezianos um dos seus barões, chamado Cogatal, e encarregou-os de lhe trazerem azeite da lâmpada sagrada que arde sem cessar no túmulo de Cristo em Jerusalém.» (Ib.)

Voltaam, como se sabe, os dois irmãos; e sabe-se também como tornaram lá depois da eleição do novo papa, Gregório X, em 1271, que aos dois irmãos Polo, que então levaram consigo o filho e o sobrinho Marco, não só agregou dois frades pregadores, mas lhes entregou cartas para o imperador mongol, então também imperador da China, o dito Kubilai.

Olhão, 27-9-55.

Francisco Fernandes Lopes

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

MORADIAS VICENTINAS

MUITO contra a nossa vontade, não foi possível, até à data, dar início à construção das casas para pobres, que a nossa terra, por intermédio e iniciativa da Conferência local de São Vicente de Paulo, vai erguer anualmente, num testemunho eloquente de solidariedade cristã. Não se deve a demora à falta de empenho da nossa parte. Tudo temos feito no intuito de realizarmos o que prometemos: oferecer as três primeiras Moradias Vicentinas, no próximo Natal.

O acabamento do projecto é que tem constituído o busilí! Há quanto tempo aguardamos a sua entrega! Não podemos exigir mais... porque o dito nos é oferecido. O pobre não exige de quem lhe dá. Aceita, reconhecidamente, o que lhe oferecem. Nós continuaremos a esperar mais algum tempo o prometido oferecimento. E, depois, lançar-nos-emos com o maior entusiasmo na construção das Moradias Vicentinas do Património dos Pobres da nossa terra, cuja personalidade jurídica já foi reconhecida pela recente aprovação dos seus estatutos.

Embora a grande maioria dos que podem haja encarado com indiferença, até à data, a nossa iniciativa e estejamos longe de ter a quantia suficiente para a construção das três primeiras casas, não nos deteremos, nem um instante, em prosseguir no nosso propósito. Assim o projecto estivesse já pronto!

A par das almas tacanhas, incapazes de qualquer gesto elevado e humanitário, têm surgido as almas de boa vontade, que ainda consideram seus irmãos os miseráveis que habitam os tugúrios imundos, labéus vergonhosos dos nossos tempos... civilizados!

A obra do Património dos Pobres deve merecer a atenção e o interesse de todos.

Temos, graças a Deus, recebido mais algumas adesões e palavras de incitamento. As almas grandes, realizadoras de acções nobres, também têm surgido. Aparecem sempre, em seu devido tempo. Há também, entre nós, quem, sentindo a causa dos pobres, se disponha a oferecer uma casa ao Património dos Pobres. São cerca de 20 contos. Registamos o facto com satisfação, e esperamos que ele venha a ter imitadores.

Grato nos é dar a conhecer mais algumas ofertas recebidas para o Património dos Pobres da nossa terra:

Saldo da última publicação	24.958\$50
Emílio Correia Ribeiro — quota anual	20\$00
D. Maria Merilha Domingues — quota anual	30\$00
José Gabriel Mateus — quota anual	30\$00
Fabrice Pessanha Barbosa — quota anual	250\$00
Anónimo, por intermédio do sr. Fabrice Pessanha Barbosa — quota anual	250\$00
André Correia Estêvão — quota anual	20\$00
D. Maria dos Anjos Ferreira — donativo	20\$00
Aurélio Ambrósio Machado — quota anual	50\$00
Jacinto Nicolau C. Ribeiro — quota anual	25\$00
D. Ana Navarro Cumbreira — quota anual	500\$00
António dos Anjos Ruivinho — quota anual	50\$00
José Borges Salas — quota anual	50\$00
Vasco Miranda — donativo	100\$00
Francisco Maria da Cruz Martins — donativo	250\$00
Anónimo — donativo	10\$00
Maria da Encarnação Azevedo — donativo	100\$00
Maria Margarida Rodrigues Prazeres — donativo	250\$00
Jutiliberto Viegas Palma — quota anual	50\$00
A transportar	27.013\$50

Os Vicentinos da Paróquia de Vila Real de Santo António

AS CASAS ECONÓMICAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

chegando a ser um elemento de desespero, conforme a previsão catastrófica do autoritarismo marxista, necessita, porém, de uma cuidada vigilância, a fim de não impossibilitar o desenvolvimento e crescimento orgânico do Estado Corporativo, novo e nóvel nos seus empreendimentos e realidades de analítica social e jurisdicional.

Só assim poderemos criar o que de tanto se fala e poucos conhecem: a prevenção analítico-social, a profilaxia do bom senso ante o alastramento das pragas do pauperismo e do depauperamento colectivos e, sobretudo, o da prevenção higiénica e corporativa do indivíduo, da corporação, companheiros dos da classe e dos da colectividade.

O Código das Corporações

COM mais alguns comentários e notas e de franca actualização, poderíamos intitular o recente e pormenorizado comentário do senhor doutor Veiga de Macedo «Comentário e Código Moral das Corporações no Estado Português». Porque não se trata, apenas, de um breve epidérmico comentário à obra feita. Não! Mais do que isso, o discurso do senhor doutor Veiga de Macedo é obra íntegra, de corpo e alma vertebradas em direcção ao Futuro e olhando, sómente, para as suas promissoras perspectivas. Nesse trabalho, avultam as três virtudes básicas do estadista: análise, profundidade e síntese.

Obra de um homem ainda novo, mas que, além da vasta cultura, tem a assinalável o mérito de uma excepcional potência expositiva, todos os que tenham lido as minuciosas considerações do titular da pasta das Corporações sentem o poder subjugante da eloquência e da ciência, da virtuosidade do artista ao retingir a sua obra das eternas cores da verdade com a argúcia do filósofo que, na sua modestia, pretende, apenas, o silêncio da sua ermida. Mas, oh! céus, onde é que existe, na actualidade, ermida mais aprazível que a ruidosa mescla do silêncio com o turbilhão realista das fecundas construções da economia portuguesa?... Não. Nada pode haver de melhor que a certeza certa de contribuir para o pé-de-meia nacional com a realidade potente de uma série intangível de realidades indestrutíveis: — o lar português, o asseguramento desses lares para o dia de hoje e para os de amanhã. Dentro da contingência e relação das coisas, a que mais e de que melhor pode necessitar um povo como o nosso?

A obra do ministro

MAO consiste o nosso trabalho num vulgar elogio. Ele purificou-se, antes, numa severa análise dos elementos de que se serviu o ministro para a elaboração da sua obra em que, além dos conhecimentos natos do autor, só há a sua natural autoridade. Se o desconhecemos pessoalmente, reconhecemos po-

NOVO CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mios, respectivamente de 5.000\$00, 3.000\$00, e 2.000\$00, reservando-se a Campanha, por sugestão do júri, a prioridade da compra de todos os direitos de representação e publicação de 3 peças, que concorram e não sejam premiadas, por quantia a fixar com os seus autores, mas nunca superior a 2.000\$00.

A decisão do concurso será tornada pública até fins de Dezembro do corrente ano. Será tomada pela Campanha, depois de ouvir o parecer de uma comissão apreciadora, composta por um dramaturgo, um crítico de teatro e o chefe dos serviços centrais, ou um seu representante.

As peças premiadas ficarão sendo propriedade da Campanha, que poderá promover a sua representação e publicação.

As obras concorrentes devem ser enviadas em triplicado, dactilografadas, sob pseudónimo e em carta dirigida aos Serviços Centrais da Campanha Nacional de Educação de Adultos, Rua de D. Estefânia, n.º 14, Lisboa. Dentro do sobrescrito, haverá outro, cerrado e lacrado, com o pseudónimo por fora, contendo o verdadeiro nome do concorrente — sobrescrito que só será aberto no caso da peça ser premiada ou de a Campanha desejar adquirir sobre ela todos os direitos.

ENSINO TÉCNICO NO ALGARVE

AEROPORTO DE FARO

E III CONGRESSO REGIONAL ALGARVIO

Está convocada para 11 do corrente, pelas 21,30 horas, a reunião do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, com a seguinte ordem de trabalhos:

a) Deliberar sobre o parecer apresentado pelo industrial sr. José Ferreira Canelas, membro do Conselho, acerca de um estudo do sr. dr. A. de Sousa Pontes, em que se sugere o pedido da criação de um curso de mestres de conservas, no Algarve;

b) Apreciar uma proposta do sr. engenheiro dr. José António Madeira, relativa à construção do Aeroporto de Faro, já criado pelo Governo;

c) Continuar o estudo das possibilidades de realização, em 1960, do III Congresso Regional Algarvio, durante as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, em Sagres.

Visado pela Comissão de Censura

rém, e de longa data, o seu esforço e sacrifício na gerência de uma pasta por ele praticamente criada. E, se dum posto da sub-assistência nacional ao trabalho, salta agora, decisivamente, para o comando das Corporações, teremos de ver nele um desses obreiros em que, sendo grande a obra, não menor é a sombra que dela o próprio perfil do seu autor irradia. Dentro dos signos de tolerância criadora, característica indeclinável da nossa era, sem dúvida que o Corporativismo ficará, para sempre, como padrão a assinar a passagem do poder de uma geração invicta, intrépida e incorruptível. Qualquer dos homens de hoje poderá ter a grandeza de um quinhentista: «*Julgai-me pelas minhas obras, se nelas houver mérito, pois quanto a intenção só há a de trabalhar pela grei e pela lei!*»

Consigliari Sá Pereira